

PAIS OUVINTES FILHOS SURDOS: BARREIRAS NA COMUNICAÇÃO

Iranilde Oliveira de Farias¹
Jonathas Oliveira Braga²

RESUMO

A pesquisa tem como ponto de partida analisar as barreiras no processo da aquisição da linguagem de crianças surdas filhas de pais ouvintes. Tem como objetivo geral compreender como acontece a comunicação entre pais ouvintes que têm filhos surdos. E como objetivos específicos identificar as barreiras existentes no processo comunicativo no ambiente familiar, bem como compreender influência no desenvolvimento linguístico da pessoa surda, a partir do seu ambiente familiar. Quanto aos procedimentos metodológicos adotou-se uma pesquisa bibliográfica com ênfase na pesquisa qualitativa, utilizou-se como referências teóricas as discussões de autores que corroboram com a aquisição da linguagem para surdos e buscam investigar através de fatores sociais linguísticos o processo de aquisição da linguagem de criança surda, filha de pais ouvintes. A escolha desta temática se deu devido a curiosidade em entender o processo de aquisição da linguagem em ambiente familiar onde os pais são ouvintes e os filhos surdos. A intenção é que esta pesquisa possa contribuir com ferramentas significativas da educação de surdo para os pais ouvintes que tenham crianças surdas, bem como para a comunidade em que os mesmos estão inseridos. A relevância desta pesquisa se dá no fato de que ela poderá contribuir de forma significativa para pais ouvintes que tem filhos surdos que as limitações podem ser sanadas; no lado humano, pode propiciar aos filhos, momentos mais alegres e proveitosos na rotina diária. Os resultados apontam que as crianças surdas filhas de pais ouvintes encontram dupla barreira no processo de comunicação.

Palavras-chave: Surdos. Pais ouvintes. Linguagem.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de sinais foi reconhecida desde 2002, de acordo com a Lei com a nº. 10.436/02 (BRASIL, 2002), e foi regulamentada pelo decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005). Mas mesmo com a criação da lei, a Libras é uma língua pouco aplicada na sociedade atual, são poucos os profissionais capacitados ou com formação adequada para atuar na educação de surdos. Nos últimos anos a disciplina de Libras passou a ser oferta obrigatória nos cursos de formação de professores, afim de que o futuro professor assimilasse os conteúdos de libras e pudesse aplicar na sala de aula.

A língua de sinais ainda é pouco divulgada e bem desconhecida pela a maioria da população brasileira, tornando assim um cenário muito difícil para as famílias ouvintes que tem filhos surdos, pois os mesmos não conhecem a língua de sinais e encontram barreiras para lidar com os filhos. Na maioria das vezes comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos se dá

¹ Especialista em LIBRAS – Faculdade Afonso Mafrense, iranildeoliveira618@gmail.com;

² Especialista em Ensino de Matemática - IFPI, jonathas2011@hotmail.com;

quando os pais ensinam gestos comuns, utilizados no dia a dia, que não é libras, para que o processo de comunicação ocorra.

A questão norteadora deste trabalho é: como fazer acontecer a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos? Com base neste questionamento surge a seguinte hipótese, o processo de comunicação acontece quando os pais usam a voz para dialogar com os filhos, na maioria das vezes a comunicação é bem limitada, não tendo sucessos e passam a ensinar e utilizar gestos como rotina de comunicação.

Assim, a escolha do tema surgiu da inquietação em torno da problemática de ser garantida ou não, no âmbito da família de surdos, a comunicação em Língua Brasileira de Sinais, sendo que ela precisa ser adotada como a primeira língua (L1) das crianças surdas e a segunda língua (L2) dos pais ouvintes. Deste modo, o artigo tem como objetivo geral compreender como acontece a comunicação entre pais ouvintes que tem filhos surdos. E como objetivos específicos identificar as principais barreiras existentes no processo comunicativo entre pais ouvintes e filhos surdos, bem como compreender influência no desenvolvimento linguístico da pessoa surda, a partir do seu ambiente familiar.

No procedimento metodológico utilizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico com autores que corroboram com a temática estudada.

O artigo está estruturado em duas seções, sendo que a primeira apresenta a aquisição da linguagem utilizada pelos sujeitos surdos. Já segunda seção contempla a situação linguística de surdos filhos de pais ouvintes.

METODOLOGIA

No processo metodológico adotou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico com autores que trabalham a temática pais ouvinte e filhos surdos, afim de coletar informações necessárias para enriquecer este trabalho. A coleta de dados foi através de estudos e leituras bibliográficos sobre a temática em questão, sendo que a mesma contribuiu de forma direta para um melhor entendimento da relevância e do conhecimento da libras para sujeitos surdos e seus familiares. Decorrente das informações coletadas, detectou-se que é de suma importância que tanto as crianças surdas como as pessoas que estão inseridas no seu meio social conheçam a libras a fim de facilitar o processo de aquisição da linguagem.

Trata-se de pesquisa qualitativa porque o pesquisador não pode fazer julgamentos ou permitir que seus preconceitos e crenças possam contaminar a investigação (LUIZATO, 2003, p. 34). É de natureza exploratória, pois tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com

o problema, e análise de conteúdo como a principal característica de uma revisão da literatura sobre o tema discutido. A pesquisa também caracterizar-se-á como indireta, através do uso de informação, conhecimento e dados que foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

No Brasil os estudos sobre a aquisição da língua de sinais como primeira língua para sujeitos surdos, é muito recente, tendo início nos anos 1990 (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995, 1997; QUADROS e CRUZ, 2011). As, pesquisas mostram que crianças surdas, e filhas de pais surdos, devido não conhecer a libras passam a usarem sua gramática de modo análogo às das crianças ouvintes em aquisição de línguas orais-auditivas. Segundo Quadros (1997) e Quadros & Cruz (2011) esse processo se divide em três períodos que são: período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações.

No período denominado Pré-Linguístico a criança começa a balbuciar, ou seja, começa a emitir sons, isso pode acontecer entre um a cinco meses. Quando a criança é surda o balbucio pode apresentar de forma gestual e silábica. O balbucio silábico apresenta uma sequência organizacional interna presente na língua de sinais já o balbucio gestual não segue uma organização. Na criança surda o balbucio vocal é interrompido, ficando aberto o caminho para a continuação do desenvolvimento comunicativo: os gestos. Isso também ocorre nas crianças ouvintes, porém o balbucio continua. (QUADROS & CRUZ, 2011).

Finalizando o período pré linguístico aparece o estágio de um Sinal que, de acordo com Quadros & Cruz (2011), inicia quando a criança surda já se aproxima ou tem doze meses de idade. Esse estágio muitas vezes pode se estender até dois anos. Observe-se que neste período a criança começa a utilizar gestos para se comunicar ou expressar suas vontades como, por exemplo, estendendo um braço e fazendo um movimento de “me dá” quando quer alguma coisa. Leva os braços quando quer pedir colo. Estes tipos de gestos são comuns não só nas crianças surda, mas nas ouvintes também.

Após superar o estágio de um Sinal, as crianças surdas começam a fazer primeiras combinações de sinais. Segundo Quadros (1997), esse momento surge quando a criança surda já tem dois anos de idade, pois “já é capaz de fazer a combinação de dois ou três sinais em libras.

Já no estágio das múltiplas combinações. Quadros (1997) diz que este período acontece entre dos dois aos três anos de idade. A criança surda já socializou com sentenças, gestos e um sinal, com as primeiras combinações, onde assimilou todo este processo de comunicação.

Segundo Quadros (1997), o processo de compreensão e comunicação da criança surda é mais eficaz, quando ela relata os acontecimentos que estão inseridos no seu meio social, quando comenta sobre o que as outras pessoas estão fazendo. Ou reflete sobre suas atitudes, ao completar cinco ou seis anos de idade, ela sente a necessidade de se comunicar de forma coerente para que o outro entenda. A partir dos sete anos de idade a criança já consegue estabelecer uma comunicação objetiva e precisa,

Assim, percebe-se que é essencial que a criança surda tenha estímulos precoces, tanto linguístico como social, no que se refere a aquisição da língua de sinais, a fim de que o aprendizado da libras aconteça sem prejuízos ou tardio.

O processo de comunicação das crianças é semelhante ao das crianças ouvintes, e acontece naturalmente, com sua exposição à língua de sinais. Se o sujeito surdo é filho de pais surdos, a aquisição da linguagem que desenvolve é a mesma que está inserida no ambiente familiar e está de acordo com sua capacidade linguística. Quando a criança é filha de pais ouvintes o processo de comunicação é mais limitado, devido a família não ter domínio da língua de sinais. A aquisição da comunicação acontece, neste caso utilizando a linguagem oral e gestual. Todavia, segundo com Kail (2013), as produções linguísticas desenvolvidas pelas crianças surdas acima de três anos de idade são menores do que a de crianças que estão inseridas em ambientes que a língua de sinais é exposta.

Assim (KAIL 2013) diz:

Se a exposição a uma língua falada e sinalizada pode trazer benefícios para o desenvolvimento das competências comunicativas e cognitivas da criança, em contrapartida, parece indispensável fornecer um input correspondente a uma língua integral (língua de sinais) para que as competências linguísticas possam ser elaboradas. (KAIL, 2013, p.99)

Sendo assim, Quadros e Cruz (2011) relatam as pesquisas tem priorizado a aquisição da linguagem de filhos surdos de pais surdos, poucas pesquisas foram desenvolvidas com pais ouvintes e filhos surdos. A ponta Kail 2013:

A população de crianças surdas é marcada por uma grande heterogeneidade. O grau de deficiência auditiva, a idade do dano sensorial, o estatuto auditivo dos pais (surdos ou ouvintes), os métodos de comunicação utilizados (oral exclusivo, linguagem falada completada, ou LFC, língua de sinais), bem como o tipo de escolaridade (escola especializada ou escola inclusiva) constituem os principais fatores capazes de influenciar a aquisição da língua oral (KAIL, 2013, p.96).

Neste sentido, percebe-se que é essencial o apoio da família para o bom desenvolvimento da criança surda, pois por ter uma aquisição da linguagem limitada, precisa do auxílio dos pais, para adquirir a língua brasileira de sinais e enriquecer seu vocabulário linguístico. Diante disso, Rodriguero (2013), baseada nos estudos de Schmid-Giovanini (1980), explica que:

O primeiro passo a ser dado pela família que tem uma criança surda é procurar integrá-la como membro ativo da comunidade familiar. Assim, a criança surda terá maior facilidade para integrar-se à comunidade de pessoas ouvintes. Com o apoio da família, o surdo encontrará menor dificuldade em conviver com pessoas ouvintes, o que lhe propiciará ser um elemento ativo desta sociedade (RODRIGUERO, 2013, p.23).

Só assim, evitará falhas no processo de aquisição da língua. Sabe-se que a família é quem é responsável a socialização do filho. É no seio da família que as crianças adquirem a capacidade de interação e comunicação com os outros indivíduos com os outros indivíduos. Tanto a criança ouvinte como a surda aprendem uma linguagem seja de sinal ou oral, a partir do meio em que está inserida

A criança surda que não tem domínio da língua de sinais, e não há língua definitiva entre os pais, faz uso de gestos criados como alternativas domésticas, que não são considerados libras para se interagir como os outros, Dalcin (2009) relata em suas pesquisas que gestos domésticos, citado por Goldfeld, (2002)

[...] encontrou o mesmo fenômeno descrito por Behares & Peluso, e afirma que as crianças surdas filhas de pais ouvintes criam em conjunto com a sua família alguns sinais e os utilizam para a organização de seu pensamento. Essa linguagem se dá de modo rudimentar e é desenvolvida pela criança com o objetivo de estabelecer interações sociais e uma comunicação entre ela e seus familiares e também para simbolizar e conceitualizar, buscando uma organização de pensamento (GOLDFELD, 2002, p.62 apud DALCIN, 2009, p. 26).

Os gestos criados pelos familiares não são considerados sinais na libras, portanto quando usados pelas crianças surdas, traz muitos prejuízos, isso demonstra uma carência no desenvolvimento de uma língua no período em que a criança mais precisa para sua interação como o meio social, pois é o momento em que ela precisa conversar com os pais, os amigos e vizinhos, momento de tirar as dúvidas sobre algo, questionar fatos ocorridos, entre outras situações de diálogos.

Partindo deste pressuposto, nota-se que existem muitas barreiras no processo de aquisição do vocabulário linguístico de crianças surdas filha de pais ouvintes, principalmente neste sentido, é essencial que se faça uma reflexão das metodologias de ensino aprendido nesse contexto, devido o desenvolvimento da linguagem acontecer no início da infância.

Grannier (2007) aborda algumas estratégias sobre o ensino da língua de sinais para crianças surdas e ouvintes, já no início da primeira infância, visando a comunicação de modo

informal, por meio de pessoas surdas que estejam ao seu redor, propondo, por exemplo, o que chama de “creche mista”, em que pelo menos dois funcionários sejam surdos, visando um aprendizado com ensino informal, no caso de bebês surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente no Brasil, existem muitas escolas que vêm implementando uma proposta bilíngue na educação dos surdos, ou seja, aprendizado com metodologia apropriada da língua portuguesa e da língua de sinais brasileira. Os surdos brasileiros vêm lutando por um ensino que atenda eficazmente suas necessidades linguísticas e culturais para que possam integrar-se e estar em condições de igualdade com ouvintes tanto na vida social, quanto na profissional. (Quadros 200)

[...] pensar em educação de surdos é levar em conta, entre outros tantos possíveis aspectos que representam as experiências visuais das pessoas surdas, a sua língua de sinais. Inegavelmente, a linguagem é essencial ao ser humano para o estabelecimento de vários tipos de relações, para a expressão do pensamento e a constituição da subjetividade. Assim, há varias linhas de atuação possíveis para a produção de conhecimentos por pesquisadores envolvidos na educação de surdos. (QUADROS,2000,p.46)

Neste sentido, é importante proporcionar ao Surdo meios para desenvolvê-la de acordo com as possibilidades próprias da sua condição. A fala não é o único recurso para a expressão do pensamento, embora a língua de sinais, por ser gestual-visual, aconteça em vias diferentes não impede que o surdo adquira conhecimentos, desenvolva habilidades e construa sua autonomia.

A LIBRAS é a língua materna dos surdos brasileiros e pode ser aprendida por qualquer pessoa que manifeste interesse de estabelecer comunicação com o surdo. Como língua contém estrutura gramatical como outra língua qualquer, seja na semântica pragmática, na sintaxe e/ou outros elementos, tornando um instrumento linguístico de comunicação (BARBOSA, 2013). Apesar da língua de sinais ser o principal instrumento de comunicação para o surdo, ele só adquire sua língua materna a partir da convivência em um ambiente familiar que favoreça esse conhecimento e apropriação da língua.

Honora, 2014 propõe que:

“As línguas de sinais podem ser comparadas a qualquer língua oral, tamanha é a sua complexidade e expressividade, apesar de ser uma língua com uma modalidade diferente não oral-auditiva como nas línguas orais, e sim visomotora por se tratar de uma língua feita no espaço através do movimento das mãos e percebida através da visão”.

Portanto, o surdo é um ser capaz de desenvolver-se nos aspectos cognitivos, culturais, sociais e linguísticos desde que expostas em ambientes de comunicação e interação, onde as

línguas possam cumprir sua função aliadas a outras ações educativas que venham contribuir significativamente no processo educacional do surdo.

A aprendizagem da LIBRAS demanda prática constante para sua apropriação e fluência. Quanto mais se pratica mais se desenvolve o poder de recepção e de emissão (BARBOSA, 2013). Entretanto as escolas regulares não oferecem o que os surdos precisam para se desenvolver isto é; a língua de sinais, uma língua compartilhada em classe regular, onde todos possam se comunicar livremente, sem precisar fingir quem entendeu o que o surdo fala.

No entanto, a língua brasileira de sinais é a primeira língua e merece receber esse tratamento [...] os alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa (QUADROS, 2006). Contudo a linguagem é sem dúvida nenhuma um tanto essencial, visto que o surdo não pode aprender o português nem quaisquer outras disciplinas, sendo instruído como se fosse ouvinte, pelo método habitual em escolas regulares que lhe coíbe de utilizar a língua de sinais para aquisição da aprendizagem.

Nas instituições de ensino na língua de sinais deve ter como princípio a educação para a inclusiva, partindo do pressuposto de que todos os alunos têm direito de estar juntos, convivendo e aprendendo. O professor ou intérprete de libras precisa estar atento às possibilidades de acesso, tanto físico como de comunicação, a partir do conhecimento dos recursos necessários e disponíveis, o que permite o desenvolvimento pleno da criança surda.

A língua de sinais, quando adquirida nos primeiros anos de vida, fornece à criança surda um desenvolvimento pleno como sujeito, porém, quando sua aquisição é tardia, o surdo encontra algumas dificuldades na compreensão de um contexto complexo: pensamento abstrato, desenvolvimento de sua subjetividade, evocação do passado, entre outras.

Pensando no indivíduo surdo, acreditamos que seja importante para este como sujeito: crescer, desenvolver-se, amadurecer, construir e constituir-se inserido numa língua própria e natural. A criança, ao ter acesso a uma língua, passa a desenvolver linguagem, interagindo com o outro, repensando suas ações, elaborando seu pensamento, vivenciando novas experiências e se desenvolvendo. Uma criança que não escuta possui as mesmas condições de aprendizagem que uma criança ouvinte, porém o acesso à linguagem se dará por meio do canal gesto-visual.

Ao permitir que a criança surda tenha a oportunidade de se desenvolver de forma análoga à das crianças ouvintes, estar-se-á respeitando sua língua, sua diferença. Não se pode mais negar aos surdos o direito de serem parte integrante e participativa de nossa sociedade. Além disso, para que o surdo possa desenvolver-se, não basta apenas permitir que use sua língua, é preciso também promover a integração com sua cultura, para que se identifique e possa utilizar efetivamente a língua de sinais. A comunidade surda terá muita importância para o

desenvolvimento da identidade, pois nessa comunidade a língua de sinais ocorre de forma espontânea e efetiva. Todo sujeito precisa interagir em seu meio, apropriar-se de sua cultura e de sua história, e formar sua identidade por intermédio do convívio com o outro.

Como a língua de sinais se desenvolve de forma, é lógico e aceitável que os surdos se comuniquem naturalmente utilizando as mãos, cabeça e outras partes do corpo, por estarem privados da audição.

Sobre isto, Martins (2004), menciona:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos Constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É adotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. A LIBRAS é a língua utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil, portanto não é uma língua universal.”(MARTINS, 2004,p.161)

Nota-se que a libras, não é apenas uma linguagem, uma vez que prestam as mesmas funções das línguas orais, pois ela possui todos os níveis linguísticos e como toda língua de sinais, a LIBRAS é uma língua de modalidade visual-gestual, não estabelecida através do canal oral, mas através da visão e da utilização do espaço.

Nesse sentido, há que considerar a importância da formação de professores surdos para atuarem nesse espaço, bem como enfatizar a formação de professores surdos a partir do relato de experiências de alguns desses profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o ser humano aprende e se desenvolve a partir das interações humanas, conversas, diálogos, e que esta interação ocorre principalmente onde cada um vive e conhece pessoas, é possível perceber que, desde pequenas, as crianças veem adultos conversando, contando histórias, estabelecendo regras de brincadeiras, ou ainda, aprendem brincando com outras crianças, com as histórias dos mais velhos, efetivando assim seus primeiros contatos com sua língua, ou seja, a língua à qual está exposta nestas situações. No entanto, se o canal de comunicação da criança surda não for o mesmo de seus familiares, a língua à qual ela está exposta não será correspondente a sua língua. Isso só seria possível se seus familiares aprendessem sua língua natural.

Portanto, não apenas a criança surda deve fazer o uso da Libras em seu lar, mas também sua família, pois ela precisa interagir com as pessoas com quem convive. Precisa falar, sinalizar,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

utilizar gestos caseiros e, por conseguinte, obter uma resposta a essas interações. Esse é um estímulo essencial, que pode ser provocado principalmente pelos pais da criança, visto que sua família é o referencial necessário para que ela se sinta bem e capaz de se comunicar, desenvolvendo-se nos âmbitos sociais, linguísticos e educacionais.

Essa pesquisa procurou mostrar a diferença que o estímulo da língua de sinais traz à vida de uma criança surda, apresentando-lhe um mundo que antes parecia distante: o mundo ouvinte. Com a língua de sinais, as informações chegam até ela, sem a necessidade de se esforçar para dizer, com muita dificuldade, palavras que lhe são estranhas, vozes imperceptíveis, mas que tomam forma quando se transformam em sinais, compondo-se na sua língua, na língua que a liga à sua família. Também se buscou demonstrar, por vias teóricas e de campo, as modalidades mais indicadas de comunicação para uma criança surda, para que sua comunicação seja eficaz.

Ter a Libras como primeira língua, como no estudo de caso ora apresentado, permite a estas crianças o acesso a outras línguas existentes no Brasil e no mundo, a diferentes culturas, sociedades, ficções e, o principal, favorece o desenvolvimento de sua própria vida, contando com suas próprias escolhas, cenário que o uso da língua oral não poderia lhe proporcionar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 25 abr.2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 10 novembro. 2018.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

DALCIN, Gladis. **Psicologia da Educação dos Surdos**. Apostila usada na Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura Letras: Libras. 2009. Unidade II.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. [direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blikstein]. São Paulo: Cultrix, 2006.

GRANNIER, Daniele Marcelle. A jornada linguística do surdo da creche à universidade. In: KLEIMAN, Ângela & CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 199 – 216.

GUARINELO, Ana Cristina et al. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos. In: *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 46, Curitiba, 2013.

KAIL, Michèle. **Aquisição de linguagem**. Tradução Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua brasileira de sinais**: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

QUADROS, Ronice Müller. **As categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RODRIGUERO, Celma Regina Borghi. **A Família e o filho surdo**: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.